N.º 5

PREÇO 50 RÉIS

"A ÁGUIA"

Revista quinzenal ilustrada de literatura e crítica

PREÇOS

Cada numero:

Portugal	50 reis
Espanha	30 ct.
Estranjeiro	30 ct.
Brazil	200 reis

Série de 10 numeros:

Portugal	500 reis
Espanha	3 pesetas
Estranjeiro	3 francos
Brazil	2$000 reis

Não se satisfazem os pedidos que não venham acompanhados da respectiva impoŕtáncia.

Director, proprietário e editor — ÁLVARO PINTO

Redacção e administração

Rua da Alegria, 218 — PORTO

Porto • Tip. da Empreza Guedes • Rua Formosa, 244

SUMÁRIO

SAI A 1 E 15 DE CADA MÊS E SÓ PUBLICA INÉDITOS

N.º 5 — 1.ª Série | Porto, 1 de Fevereiro | Ano I — 1911

A ÁGUIA

Director, proprietário e editor ÁLVARO PINTO

Revista quinzenal ilustrada de literatura e critica

Sai a 1 e 15 de cada mês e só publica inéditos

Redacção e administração
Rua da Alegria n.º 218 — PORTO

Composto e impresso na Tipografia da Empreza Guedes, R. Formosa, 244-Porto.

Festas do lar

De todas as coisas passadas no tempo distante da minha meninice, uma particularmente me commove ao recordá-la: a alegria das férias.

Dias que iam passando, contava-os eu no amanhecer de graça, na curva do sol, no regresso apressado da noite; e detraz da porta do meu quarto, em grandes traços de giz, eu riscava mais um nos dias que faltavam para as férias. Rapazes da cidade: quando fôrdes velhos e a alegria duns netos loiros vos sorria nos joelhos, não heisde ter para lêr-lhes e contar-lhes estas paginas intimas que ahi deixo. Porque emquanto vocês esperavam pela vinda do Pae Natal, carregado de brinquedos e *bonbons,* — eu não dormia a pensar que ás cinco da madrugada o somno traiçoeiro me iria fazer perder essa deligencia que a minha memoria vinca em traços de luz e sombra; e quando um somno amoravel, protector dos rapazes de collegio, me embalava de bondade, era para sonhar com a Missa do Gallo na egreja da minha terra, onde meus olhos deslumbradinhos da luz das velas, crua e certa, se abriam mais ás harmonias do orgão e ao sussurro das mulheres enrodilhadas na egreja.

De novo o meu olhar vára esses tempos distantes, em que á claridade baça do gaz eu descia a Couraça ás cinco da manhã, para tomar a deligencia. Um relogio dava horas pausadamente; e o meu coração batia-as com mais força, ao tempo que os meus passos mais se apressavam ainda.

Na Portagem o carro esperava, ajoujado de bagagem. A' meia claridade esgueirada pela porta entreaberta da baiúca, passavam figuras, lançando no ar baforadas de halito; e os meus companheiros entravam a beber copinhos de aguardente, batendo os pés no lagedo.

Um guarda-nocturno atravessava para as bandas da Calçada. Para o fundo da rua, as luzes iam já a apagar-se; e no silencio crescente apenas a voz do cocheiro carregando as malas, dando pressa aos companheiros, punha em minh'alma uma nota de luz e vida.

Rapazes da cidade: a inveja que haveis de ter-me!

Manhã alta, vinha o sorriso tranquillo dos campos verdes, gente assomando á porta dos casaes. No imperial da deligencia, onde a aventura de vêr as horas mais depressa me lançava, havia sempre certo companheiro, tocando harmonium, abafando as vozes dos que iam dentro do carro.

O cocheiro explicava as terras, nessa explicação diaria, a passageiros sempre novos. E vocês calculam: era ali um logar onde em certo dia com os meus companheiros estudantes fizera certa partida ao dono da estalagem; mais longe aquella fonte fresca onde iamos a pé, para ajudar o gado na crueza da ladeira; adeante aquelle velhinho do sr. Mattos, que nos batia no hombro quando abancavamos a jantar na sua casinha da *muda,* aquelle sr. Mattos que um dia os pinheiros tranquillos deviam ter restituido á aragem depois de nos ter dito que conhecêra nossos pais, da nossa mesma idade, ali mesmo jantando, servidos pela mesma Antonia, comendo as mesmas couves muito tenras que elle ia colher á horta, fallando comsigo da nossa mocidade emquanto as ia colhendo.

Não é verdade que vocês me vam julgar do sèculo XVIII, de capigôrra esfarrapada, correndo oito dias por estalagens e barqueiros, ao cascalhar ruidoso dos guizos da minha mula? A inveja que vocês vam ter...

Entrava a noite a baixar. Na imperial o ruido era menor; e o homem do harmonium metia as mãos no capote, calado de frio.

De longe, na ultima volta, junto a um platano inda moço, meu pai lá estava sempre, espreitando a deligencia. Mal me apeava do carro, sorria-me o côro dos parentes, dos criados, a darem-me as boas-vindas; e ao fundo da escada esperavam-me as festas do meu cão, ancioso de me saltar ás pernas.

Os Colaboradores d'A ÁGUIA

Antero de Figueiredo
(Desenho de Verjílio Ferreira.)

Ah! meus amigos! Se um dia tiver filhos, com que carinho lhes heide dizer esses dias, em que o sol era brando mas tinha a aquecer-me o tepido calor do lar; e porventura no meu olhar apagado os meus pequenos surprehenderão uma chamma furtiva que lhe ham-de desconhecer.

A' noite eu contava a viagem, a vida no collegio, palavras dos professores, certo amigo da casa que encontrára. Nesse lar em que cada coisa me falava, e parecia dobrar-se para me agasalhar com um sorriso bom de avósinha, depois desse dia longo de jornada, a cama esperava-me, aberta. E até a frescura do linho me consolava, numa branda tepidez de carinho; e adormecia satisfeito sobre essa travesseira onde a mão amoravel de minha mãe bordára as minhas iniciaes.

Longas noites do natal, em breves se me tornavam jogando o quino com as amigas da casa. Bôas velhinhas que o tempo engelhou, levou-as o fumo vagaroso dos telhados nas noites lentas do inverno... E nunca mais vos posso arreliar, *quinando* e

arrecadando o *prato*, ao vosso olhar de bondosa inveja...

Mas de tudo o que mais me fica dessas férias, é a azafama da cozinha na noite do natal, quando o azeite saltava nas péllas, avido de massa nova de filhozes, e as criadas as punham ao lume, com os *coscoreis* loiros a chiar, não fossem chegar já tarde á Missa do Gallo do sr. Prior. Enchia-se a cozinha de fumo, que inundava a casa toda; (lá fóra a neblina envolvêra a rua); e meu pai sorridente aparecia — «que acabassem com aquillo e com aquella fumarada».

Nas prateleiras dos armarios, as bôcas loiras das filhozes abriam-se, gemendo mel, babando mel para as travéssas.

Se um dia a minha sorte me der um lar de carinho, que a civilização lhe fique á porta. A noite da familia quero passá-la em claro, os olhos a chorarem ao fumo da cozinha, sentado á lareira amiga, vendo nascer na pélla, sobre o azeite borbulhante, linguas de farinha branca, que a lenha estalando em labaredas, envolvendo a pélla em fôgo — em fôgo de lar —, tórne loiros como as chammas que o escuro engole, como os cabellos desses pequenos que a sorte tenha para me dar. Quero clarões de luz amiga na lareira, e clarões de luz amiga no meu lar.

Uma vez, no tempo da apanha da azeitona, recordo-me que fiz uma longa viagem a cavallo, surprezo de me ver escarranchado sobre um albardão enorme, empurrado nas descidas pelos alforges da viagem. Eu ia para a terra de minha mãe, que abre a sua melancholia no meio de quatro montes, cerrados de castanheiros, onde as aguas do inverno correm mais apressadas para as suas festas, esquecidas a cantar.

Ao deixar a villa, no comêço da encosta, meus olhos entráram a prender-se do casario silencioso, caminhando para o rio. Vinha ter comigo a neblina da altura, feita do algodão em rama dos tojos e das urzes. No alto morava Santa Luzia na sua capella branca; e de longe o arrieiro redisia palavras a prevenir-me que em lá chegando, por ordem de meus paes, teria de abrir os alforges e refazer-me da viagem.

Junto aos assentos velhos da capella — onde a santa estendia as mãos para a gradaria da porta, num sorriso esquecido dos ex-votos longos que das paredes lhe agradeciam milagres de cegueiras —, emquanto o cavallo escarvava na rocha, meus olhos saltavam de tojo em tojo até ao fundo do valle, donde o rio ia assoprando bafo-radas de crepusculo.

O arrieiro, segurando a redea, chamava-me de novo; e a noite cerrava de todo quando chegavamos áquella outra capella em ruinas, com historias de ladrões, roubadores de oiro da Virgem, que Deus Nosso Senhor, para exemplo, nunca mais deixára erguer das ruinas com que um trovão os colhêra.

No escuro da noite sumiam-se luzes ao fundo. Dentre as primeiras casas do logar, bruxoleando clarões, crescia esse ruido certo, onde eu adivinhava tanta afilhada de minha mãe lançando a lançadeira no vai-vem quebrado ao compasso dos teares.

Chegavam á porta com seus candieiros de azeite as pessoas da familia; e dentro em pouco, no extremo da rua, era um rumor alegre de vozes erguendo para o ar luzinhas cheias de frio.

Na cozinha ampla, onde o fôgo do lar nunca era extincto, convidando amigos e desconhecidos de jornada, redobrava em alegria a ceia dos obreiros da apanha, voltando do monte arreganhados, junto á lareira que os envolvia num claro-escuro de fumo e labaredas. E em torno delles, girando sempre, o rosto alegre de minha mãe, dando ordens.

Em cima, no fumeiro, pilavam as castanhas; e eu olhava o fumo escoar-se por entre as frinchas, no mesmo guloso pensamento com que olhava da janella o distante rumor dos castanheiros dizendo poemas nos soitos.

Depois, quando o ruido se extinguia na cozinha, adormecia no meu quarto, perfumado com as maçãs camoezas penduradas por minhas tias no tecto.

Que bom dormir entre o linho fresco que as tecedeiras moças iam tecendo, e acordar de manhãsinha ao cantar dum gallo repontando no quintal!

Manhã alta, preguiçoso, esquecia os desejos de me erguer cêdo, para ir ao monte com a gente do trabalho. Seguiam passos no corredor, chocalhavam as aldrabas. Na minha janella um rumor esmorecia: era uma glycinia indiscreta espreitando pela vidraça o socêgo do meu quarto...

As festas do lar ficáram-nos na lembrança como um thezoiro aváro de meninice, mólhadas francas de alegria, pontos distantes a viverem em cada traço carinhos paternaes.

Quando mais tarde entrarmos a viver a vida de lembranças, entre as saudades da mocidade e as ultimas restevas do feixe desfeito de alegrias, aquecendo-nos ao calor sagrado da sua memoria, conseguirêmos tornar sensiveis os momentos eguaes duma vida incerta.

Natal de 1910. Veiga Simões

AS DECIMAS

Cresce uma voz e canta... O povo em róda,
—Jaleca ao hombro, bebado a caír,
ergue um rumôr, e quando se acommóda,
sentimental e mudo, fica a ouvír.

Na voz do cégo expíra o móte... em queixas
arrasta-se a víola, em ré-menór...
rompe um soluço: — «adeus, porque me deixas!»
E ha gritos, beijos, lagrimas, amôr!...

Agora é a glosa: em decima roufenha
evóca sangue, roupa que se empenha,
fanadas mãos índa emballando berços,

Bancos de reus, uma creança núa!
— E o bordão chora...—
O' Povo, que alma a tua,
para víncar tragedías em dez versos!

Lisboa. 1911. Mario Beirão

Sobre educação

II

Continuamos no problèma da escolha dos elementos essenciaes da cultura humana. A cultura humana tem manifestações muito diferentes. Se esses modos constituissem um todo harmonioso e sistematico, facil seria achar a solução do problema. Mas tal não acontece. Todos conhecem as inimisades da ciencia e da religião, a lucta pela hegomonia entre a ciencia e a filosofia, a reciproca má comprehensão da ciencia e da arte. E', por isso, preciso um criterio para avaliar dos justos direitos de cada ramo de cultura. Esse criterio está na experiencia. Só esta póde resolver ácerca do predominio dum modo de cultura sobre outro. O real é dado á ciencia como sua posse exclusiva? A experiencia etica, estetica, efectiva, etc., protestará.

A realidade é confiada á religião? A autonomia da razão e da consciencia não o permitem.

Pretende a arte o destino de unica reveladôra do real?

A afectividade redusida, sem ideias nem conceitos, ao vago sentimento censtesico morreria á mingua de luz e pão.

Se a experiencia fosse reductivel a uma formula, n'essa formula estava o procurado criterio. Mas a experiencia não é, nem pode ser, contida n'uma formula. Sempre essa formula, quando perfeita e completa, apenas seria a elaboração da realidade actual, presente á consciencia elaboradôra [1]. Se, por exemplo, fosse verdadeira a lei dos tres estados, achada estava a essencia da cultura — a positividade cientifica. Mas, que o não é, está de sobejo demonstrado por motivos tirados da teoria do conhecimento e pela experiencia. Assim vêmos que todos os criadôres da ciencia são metafisicos consciente ou inconscientemente. Ou ficam na duvida inteligente, ou por um criticismo mais ou menos profundo acrescentam ao positivo cientifico a especulação metafisica, ou por inercia mental entram na metafisica materialista imanente aos metodos cientificos modernos. Os modos da cultura permanecem de pé, presentes, sem que um consiga expulsar os outros.

Apenas, em individuos isolados, eles se isolam, desaparecendo uns com a hipertrofia d'outros. Assim ha sabios que perdem o sentido da arte, como Darwin. Ele o affirma e lamenta.

São individuos monstruosos, embora, por vezes e excepção [1], sejam elementos progressivos e de valor. E para sêres de excepção se não estuda a obra educativa.

O que é preciso é achar um equilibrio movel entre todos estes elementos. Dar ao homem a maxima riqueza espiritual dentro da mais perfeita harmonia. Todas as formas da cultura correspondem a necessidades substanciaes do homem. A ciencia á sua necessidade de saber e podêr, a filosofia á necessidade de saber e unir, a arte á necessidade de se comover e amar, a religião á necessidade de se sacrificar e crêr.

E para que todos estes modos se não contrariem, é preciso coloca-los em presença e mutua

[1] Não se pense que damos rasão ao scepticismo, supondo a verdade cousa subjectiva. Esta consciencia não é individual, é humana.

[1] Os grandes sabios foram os grandes filosofos e até, por vezes, os grandes artistas.

Le dernier cri...

(Desenho de Cristiano Cruz.)

dependencia. Porque a religião quiz com as suas categorias de conhecimento, criadas ao calôr das suas experiencias, exprimir todo o real, é que a ciencia agredida nos seus justos direitos se levantou a reclamar. Porque *uma* filosofia quiz um dia *dedusir* o Universo, a ciencia a chamou á ordem, lembrando-lhe a realidade. E, esquecendo que falava a *uma* filosofia, teve a ilusão de ter condenado a filosofia, ficando de posse exclusiva do campo especulativo. D'estes embates tem resultado o conhecimento mais claro do que a cada um compete.

Assim a religião sabe hoje que só lhe pertence da experiencia um aspecto em absoluto extranho á ciencia. E' o aspecto dos valôres. A's experiencias religiosas pode ainda pretender o psicologo, mas só poderá estudar as hipoteticas leis do seu modo de ser psicologico, nas suas relações de associação, sucessão, dependencia, etc. Mas o *valôr* d'esses modos de ser é puramente uma questão religiosa. N'isto a autonomia da religião. Agora a sua dependencia e correlação com os outros modos de cultura. Estando o problema religioso na relação entre o valôr e a realidade (Hoffding), é aquele dependente d'esta. Assim depende a religião da ciencia e da filosofia, porque é, sobre e ao lado da ciencia, que a especulação filosofica formula a realidade. Aqui o centro de gravidade da questão religiosa. Se a realidade entra no problema religioso, depende este da ciencia e filosofia.

E não se diga que ha outros meios de conhecimento além d'estes, como a revelação. A revelação tem ainda de sêr *julgada* para se saber por que inequivocas maneiras se assignala. Ora julgar é sempre filosofar. A atitude religiosa depende da realidade, isto é, da ciencia e da filosofia. Por isso ou se recebe de olhos fechados uma ciencia e uma filosofia e então pode-se cabêr dentro duma Igreja; ou se procura a verdade, e então cada individuo para sêr religioso tem de criar a sua religião, porque ela depende dos *seus* valores e da realidade, cujas ultimas hipoteses têm de participar do individualismo.

Cada individuo é, sob este ponto de vista, uma monada. N'ele actúa todo o Universo e ele é um espelho original e inconfundivel, onde o Universo se olha. A atitude religiosa é a de mais responsabilidade, por isso que envolve todas as outras. O sabio olha o mundo da percecepção e ordena-o, o filosofo olha o mundo do sabio dentro do Universo e reflecte. Reflecte e as mãos erguem-se-lhe em adoração, em jubilo, em resignação, em revolta, em esforço. Crê na realidade dos seus valores, é optimista. Duvida e abandona-se, é sceptico. Crê na impossibilidade do bem, é impotente e nega-se. Duvida do Mundo mas crê em si, é heroi e dá-se em amôr á angustia, em consciencia á sombra, em sacrificio ao sofrimento.

Para sêr religioso, isto é, para unir o eu com o Universo, para colocar a consciencia no Infinito é preciso sêr sabio sem sêr escravo da ciencia, filosofo sem sêr escravo da filosofia, simples sem sêr escravo da ignorancia, bondoso e humilde sem calculo, regra ou prevenção. E como traduz a religião esse estado emotivo do eu em contacto com o Infinito? Pelas artes. O primeiro sentimento religioso é o do sublime. O sentimento do sublime é o desvairamento, o assombro perante o Infinito. Não sentimento de pequenez perante o grandioso; então seria sublime a vergonha.

E' o sentimento da nossa virtualidade de grandeza actualisando-se, o sentimento *material* do nosso crescimento intrinseco, da nossa coparticipação e cooperação n'uma ordem de cousas acima do trivial.

Onde a expressão d'esse sentimento? Na poesia, na pintura tragica, na musica e na escultura dinamica.

Quem não conhece o Satiro, quem não conhece a resignação *tragica* do Hugo pae, conformando-se com c realidade *essencial*, pedindo apenas a Deus que o deixe chorar a filha?

¿ E o Criton?

Já se vê como na Religião convergem todas as formas da cultura. Como só elas permitem sêr-se verdadeiramente religioso. O resto é superstição, fanatismo, empobrecimento, mutilação da Vida. Se todas as formas da cultura convergem não o fazem por virtude propria, mas por ação da anciedade de unidade interior que é permanente no homem. A ciencia não lhe basta. Estuda apenas as relações fenomenaes das cousas. Quando Leibniz procura fundir o finalismo com o mecanisno é, a despeito do seu imenso genio, impotente. Tudo se resume em postular um optimismo radical, que em nada modifica o necessitarismo das creaturas [3]. A sua noção metafisica de força que opõe á quantidade de movimento de Descartes é egualmente mecanica e a *tendencia* é-lhe acrescentada empiricamente. A ciencia é uma elaboração de percepção, procurando eliminar o sugeito e a espontanidade criadôra. A filosofia introduz o sujeito, o Universo inteiro em vez de sistemas isolados, as suas relações reciprocas, e a duração concreta. A arte permite eternisar por modelos sempre presentes e vivos todas as virtudes e enthusiasmos.

As formas da cultura são precisas ao homem e em todos os periodos da sua vida. Sempre o homem observa e pensa, pensa e reflecte, sente e aspira, ama e crê? A experiencia *actual* será sempre o ponto de partida para definir a atitude cientifica, filosofica e religiosa de cada um.

Em cada ciclo (que em si devem fazer um sistema que se baste) deve o educando poder dar-se uma unidade de vida interior movel e progressiva. Sobre certa experiencia que tiver, por si ou descripta pelos outros, possuirá ciencias.

Sobre essas ciencias e experiencia que fóra d'estas ficou, reflectindo, ha de criar noções filosoficas. Com esta luz examinará a experiencia moral e, partindo das virtudes humanas, irá subindo á noção de virtudes cosmicas, por legitimas hipoteses ou crenças. Só assim será livre o homem. A alma humana é feita de heroismo e só na audacia da especulação e da acção póde viver livremente.

Leonardo Coimbra

[3] Os possiveis são realisados pelo grau da sua perfeição.

Antonio Carneiro 1911-I

(Desenho de António Carneiro.)

PORTUGAL

Del atlántico mar en las orillas
desgreñada y descalza una matrona
se sienta al pié de sierra á que corona
triste pinar. Apoya en las rodillas

los codos y en las manos las mejillas
y clava ansiosos ojos de leona
en la puesta del sol. El mar entona
su trágico cantar de maravillas.

Dice de luengas tierras y de azares
mientras ella sus piés en las espumas
bañando sueña en el fatal imperio

que se le hundió en los tenebrosos mares,
y mira como entre agoreras brumas
se alza don Sebastián, rey del misterio.

Miguel de Unamuno

Perturba-se a minh'Alma ante o Mistério

Eu creio bem que a Alma é imortal.
Mas, como é que, depois da minha Morte,
Porque novo mistério
E tam profundo
Que inda ninguem adivinhou,
É que meu ser espiritual,
Essencia, lume etéreo
E divino transporte
Hade viver em relação ao mundo,
onde sentiu e amou...?

Fito os olhos no espaço a interrogar
Ä procura d'alguem...
Mas quem?
E aonde?
Que ninguem aparece ou me responde
Ao meu ansiôso olhar...?!

Será que eu possa novamente,
Num mixto de Saudade
E da Alegria do Presente,
Voltar aqui
Para viver na oculta intimidade
Dos corações que estremeci...?

Não sei porque divino instincto
É que eu presinto
Por detraz da minha Alma, que se queda,
Que um fugitivo espirito veloz
De súbito se inclina e me segreda...
... Mas não lhe entendo a voz...!

Ou será antes que me esqueça tudo
O que amei nesta Vida,
E que, indiferente e mudo,
Meu coração, já prezo doutro Amôr,
Não ouça a ardente súplica, o clamôr
Da minha Alma mais querida...?!

E eu, que senti as minhas dôres e os meus desejos,
Que possui e me entreguei
Em mil trocados beijos,
E a minha consciencia assegurei
Pelo poder que tive de me dar,
Heide-me acaso dispersar
Nalguma grande consciencia alheia,
Como uma gota quando cai no Mar,
E de tal modo que, desde essa hora,
Jamais me volte á ideia
Tudo o que amei outrora...?!

Meu Deus, meu Deus...! Pode lá ser...
Eu esquecêr-te, oh! meu Amôr...!
Nunca, não acredito!
Sinto a Alma a tremer...
Oh! que frio infinito,
Que gelado terrôr...!

Pois se a minha Alma és tu e a minha Vida
A sinto confundida
Com o teu respirar...
Nunca, não pode ser assim!
Ai de mim, ai de mim!
Que me querem roubar!

Oh! Meu Amôr, que frio! anda depressa
E antes que toda a Alma me arrefeça,
E, para que jamais
As nossas Vidas
Deixem de estar fundidas,
Vamos a uni-las inda mais,
Amemo-nos,
Beijemo-nos
Com toda a fúria que em nós caiba,
Com boca tam ansiosa e desvairada
Que nem a gente saiba
Qual a que beija e qual a que é beijada!

Ai! vem e abraça-me de modo
Que eu me perca em teu seio
Para vêr se acomodo
E este imenso receio
Acalma:
Anda, vê se me podes enterrar
O abraço na Carne, até ficar
Em tôrno da minh'Alma!

Que eu tenho medo de ficar sósinho,
Perdido nó caminho,
Pela deserta imensidão
Dos Espaços
Sem fim...
Oh! meu Amôr, aperta-me nos braços,
Cinje-me bem ao coração;
Não vás de ao pé de mim...!!

S. João, 11 de janeiro de 1911.

Jaime Cortesão

A Phisionomia das Palavras

As eruditas considerações sobre Ortografia do senhor dr. Cortesão, publicadas n'esta Revista, sugeriram-me este ligeiro e incompletissimo artigo.

E' realmente necessario estabelecer-se uma Ortografia definida, que faça a harmonia n'este cahos ortografico em que se encontra a nossa lingua.

Alguns escritores, que têm tratado d'este assunto, obedecem a um criterio puramente etimologico, quando é certo que a ascendencia da maior parte das palavras, é tão vaga e nublosa como a ascendencia da maior parte dos homens; outros, obcecados por uma ideia simplista, querem que se escreva exátamente como se lê; outros ainda, seguem este criterio, embora d'um modo menos radical.

Sigamos nós outro criterio, dentro da conceção moderna da Natureza e da Vida: — Um *criterio biologico e estético*.

Partamos do principio, hoje indiscutivel, de que as Linguas são *organismos vivos*, porque observamos n'elas os fenomenos que caraterisam *o que vive;* assim, as palavras nascem, transformam-se, envelhecem e morrem.

As Palavras são *sêres;* compoem-se, portanto, de duas partes; uma objetiva e outra subjetiva; e como taes as devemos considerar quanto á Ortografia, porque ela implica com a sua *apparencia corporea* e, por conseguinte, com a sua *beleza plastica;* e, como entre o corpo e a alma existe uma relação de harmonia e intimidade, é claro que a Ortografia, constituindo a *parte externa ou material* das Palavras, implica egualmente com a sua *expressão interior e psychica*.

Portanto, o que é necessario, antes de tudo, é que a Ortografia a adotar não contrarie a beleza fisica das Palavras, a sua expressão intima ou moral, nem a relação de harmonia que deve existir entre aquella beleza fisica e esta expressão intima.

Ha entre o Corpo e a Alma uma *semelhança misteriosa;* e na conservação, pureza e relevo *d'essa semelhança* é que consiste a harmonia do sêr e a sua beleza; destrui-la ou prejudicá-la nas Palavras (e o mesmo se daria nos outros sêres) é torná-las ridiculas, feias e aleijadas. O *comico* principia onde a harmonia acaba. Um cavalheiro qualquer, escorregando e caíndo, no meio d'uma rua, faz rir os transeuntes, porque ofendeu as leis do equilibrio e da harmonia.

Em vista do exposto, estabeleçamos já a regra geral:

A forma grafica das Palavras deve estar em harmonia com o seu sentido intimo ou parte subjetiva e com as leis da estética; deve ser bela e verdadeira.

D'esta regra geral derivam duas regras especiaes:

a) *Simplificar a forma grafica das palavras, cujo sentido é simples, definido ou concreto.*

A palavra *crystallino*, por exemplo, deve escrever-se *cristalino;* o *y* e os *dois ll* deformam-lhe o corpo, tornando-o confuso e tôrvo, ao passo que o *i latino* e *um l* apenas fazem a palavra simples, clara, *cristalina*, como é a propria ideia que ela traduz.

Pelas mesmas razões deve escrever-se *janela* e não *janella*, *fruto* e não *fructo*, *coleção* e não *collecção*, *ortografia* e não *ortographia*, *teatro* e não *theatro*, *inocencia* e não *innocencia*, etc., etc.

b) *Não simplificar a forma grafica das palavras que encerrem um sentido profundo, abstrato e misterioso.*

Vejamos, por exemplo, a palavra *Peccado:* escrevendo-se com *um c* apenas, o sentido intimo d'esta palavra, altera-se imediatamente, e quebra-se a relação de harmonia entre o seu corpo e a sua alma, o que é uma ofensa aos principios da Biologia e da Estetica.

Olhemos a palavra escrita das duas maneiras — *Peccado* e *Pecado:* logo resalta aos olhos o *enigma penal* que os *dois cc* revelam e que esta palavra, na verdade, contem, querendo traduzir o acto que ofende as misteriosas leis divinas. Nos *dois cc* existe, por assim dizer, a propria *criminalidade* da palavra.

Deve escrever-se, pelos mesmos motivos, *afflicto* e não *aflito*, *bocca* e não *boca*, *espectro* e não *espetro*, *occulto* e não *oculto*, etc., etc.

Todavia, palavras ha que têm um sentido misterioso e se escrevem como se pronunciam, o que não quer dizer que a sua *forma grafica* contradiga o *seu espirito*. N'estas palavras, a verdadeira harmonia existe entre o *seu sentido* e a sua *expressão sonica*. Por exemplo, *nevoeiro;* o *sebastianismo* da palavra está na surdez das duas primeiras silabas e no prolongamento mais alto e nubloso da terminação.

Na palavra *luar*, a ideia que traduz, casa-se perfeitamente com a

Os Colaboradores d'A ÁGUIA

Correia Dias
(Auto-caricatura.)

primeira silaba muda e a segunda silaba abérta; aquela é feita de sombra, esta é feita de luz; reunidas dão realmente a luz difusa, *o luar*...

Na palavra *saudade*, as duas primeiras e a ultima silaba, são crepusculares e tristes, emquanto que a terceira é alegre e aureoral: reunidas exprimem *sonicamente*, d'um modo admiravel, *a saudade!* E vê-se que o luar é a saudade das Cousas e que a saudade é o luar das Creaturas.

E muitas palavras, como estas, que a nossa lingua possue para gloria e inconfundivel beleza sua!

Quanto ao emprego do *y*, atendendo sempre ás regras expostas, deve desaparecer de quasi todas as palavras portuguesas, e introduzir-se novamente na palavra *lagyma* e derivados. Na palavra misterio, por exemplo, a substituição do *y* pelo *i* latino, aumenta a sua beleza grafica e em nada altera o seu sentido, pelas razões apresentadas quando nos referimos a *luar*, *saudade* e *nevoeiro*.

Na palavra *lagryma* não se dá o mesmo; a forma do *y* é *lacrymal;* estabelece, por conseguinte, a harmonia entre a sua expressão grafica ou plastica e a sua expressão psychologica; substituir-lhe o *y* pelo *i* é ofender as regras da Estetica.

Na palavra *abysmo*, é a forma do *y* que lhe dá profundidade, escuridão, misterio... Escrevê-la com *i latino* é fechar a bocca do abysmo, é transformá-lo numa superficie banal.

Vejamos agora o emprego do *h* na palavra *homem*, por exemplo. Tirem-lhe o *h*, como tantos Herodes das palavras inocentes têm feito, e fica

Ao Infante Santo

A morte do justo, fazendo-o reentrar na paz do principio eterno, não é senão o beijo de Deus.

Do Lohar.

Que do espirito a chamma no tormento
Se nutra, é lei da escura natureza:
Quando a Alma do santo vibra accêsa
E' oleo da bondade o soffrimento.

Tu déste á lei dos fados cumprimento
Para que ousasse a patria excelsa emprêsa:
Bemdita a morte, que de vil cruèza
Livrou tu'alma, erguida a glório assento!

Lá no altar das Ideas sempre vivas
Arde um fogo das almas plangitivas
Dos que sonham na terra o Paraiso:

E a chamma reviveu, e se alargou
Todo o abismo das sombras num sorriso,
Quando o beijo de Deus em ti pousou.

Lisboa, 1910.

---

uma palavra horrivelmente mutilada! Faz-me lembrar um homem sem nariz, sem orelhas ou sem pernas!

Além disso, o *h* dá graficamente o enigma humano. Arrancá-lo a esta palavra, é um atentado contra a Vida e a Beleza!

E assim no *verbo haver*, o *h* traduz o enigma da Existencia, e nas palavras *hontem, hora, hoje,* o enigma do Tempo...

Mas o *h* deve desaparecer nas palavras como a palavra *erva,* cujo sentido é simples e concreto.

Todavia, eu considero esta letra uma *letra especial,* por isso mesmo que dá muito caracter exterior ás palavras de que faz parte, sobretudo quando inicial; é uma letra de grande relevo que impressiona, antes de todas as outras, a nossa retina; e por isso, o seu desaparecimento, bruscamente feito, causa-nos grande estranheza, desagradavel quasi sempre.

Ha palavras, por mais simples que seja o seu sentido, como o *verbo habitar,* que, sem o *h* inicial, ficam completamente desfiguradas e parecem outras...

Por isso é preferivel deixá-lo ir caindo, pela propria ação do tempo, n'esta e n'aquela palavra, como aconteceu ás palavras *um, é,* etc., salvo quando não seja letra inicial.

Quanto ao *ph, th,* deve observar-se o mesmo.

A palavra *Phantasma,* por exemplo, escrita com F perde todo o seu aspéto espectral e misterioso; *Theologia* escrita só com *T,* perde o seu signal de transcendencia divina.

Mas já não acontece o mesmo nas palavras Teatro, Fotografia, etc., etc.; aquelas são complexas e profundas, estas são simples e claras.

Sim: a *Palavra* é uma *Creatura;* tem, portanto, a sua anatomia e a sua psychologia, dignas do amor, do respeito e carinho que merece tudo o que vive. Nada de amputações inesteticas e decepações crueis! Ferir a harmonia material e espiritual das palavras é torná-las aleijadas e ridiculas. Alterar bruta e cegamente as linhas do seu perfil é uma violencia contra a Natureza. E' certo que elas, como tudo o que vive, estão sujeitas a transformações, mas nós devemos operá-las com o maximo cuidado, atendendo sempre ás leis da Beleza e da Vida.

Não se pode lidar com as palavras como se lida com as pedras. Infelizmente tem sido este o seu destino; e d'ahi o miseravel estado fisico em que se encontra a maior parte d'ellas. Eduquemo-las, integremo-las, portanto, na sua *natural beleza plastica,* para que a sua alma encontre o seu *habitat* proprio, e n'ele viva livremente, irradiando o seu magico poder de atração, de fascinação e de encantamento.

A alma das palavras é divina; é o Verbo; e o Verbo é Deus, como dizia Victor Hugo.

Meu caro Alvaro Pinto:

No 1.º número da *Aguia* inseria o meu amigo uma nota onde dizia que, a não sêr que o autôr indicasse a ortografia a adoptar, se empregaria a *estabelecida pelo sr. Gonçalves Vianna.* Valeu isto, como sabe, o acanhado elogio do sr. Candido de Figueiredo, doutor em rabugice estéril, que notou — não que entre nós havia um poeta como Jayme Cortesão ou um prosador como Leonardo Coimbra, coisas secundárias, segundo parece — mas que grafávamos miseravelmente bem, como qualquer sócio da Academia.

Eu protestei — direi adeante por quê, — e no 2.º número já o meu amigo mantinha a grafia, bôa ou má, coherente ou incoherente, de cada autôr — ainda que isto muito pezasse aos dogmáticos, e aos leitôres do *Diario de Noticias.*

Agora vejo, porém, que mereceu isto reparos d'um cavalheiro que muito nos honra com a sua distinta colaboração — o ilustre médico sr. dr. Cortesão, pae do poeta, que aplicou ao caso — em vez d'um criterio amplo, largamente moral e extensamente humano — o seu criterio exclusivista e fechado de filólogo e de gramático.

Não sei que parte me cabe na dura responsabilidade d'este medonho crime, não avaliando pois rigorosamente a pena que hei-de revindicar no castigo commum. Quero crer, no emtanto, que foi grande. E que foi principalmente devido ao meu protesto que a *Aguia* adoptou, desde o seu 2.º número, uma atitude mais consentánea com a nossa atitude intima perante a vida — o respeito que se deve á personalidade livre.

Cumpre-me pois dar uma ligeira explicação, para que a questão seja posta no campo em que tem de sêr posta.

Quando aconselhei o Alvaro Pinto a *não usar* a ortografia do Gonçalves Vianna — só por sêr de Gonçalves Vianna, — não foi porque ligasse ao facto em si uma summa importancia, e tanto assim que nos jornaes em que escrevo nunca tive a veleidade de exigir que me respeitassem a or-

tografia original. Não sei mesmo se tenho ortografia; sinto-me, pelo contrario, muito inclinado a crêr que tenho uma grafia pessima. Confesso pois a minha inferioridade nesse ponto: nunca exigiria aos outros, para *integridade* das minhas producções, um rigôr ortográfico que eu estou muito longe de exigir a mim mesmo.

Se se fixasse uma ortografia commum, para que a revista se não preocupasse com a questão ortográfica, estava bem: quem levantaria protestos? Mas é que não se fixou *uma* ortografia; mas é que se indicou uma preocupação muito grande nessa questão; fixou-se *a* maneira de escrever do sr. Vianna e falou-se n*a* ortografia do sr. Vianna, assim como quem fala na mecânica de Laplace ou na thermo-chimica de Berthelot. Dizia-se mesmo a ortografia *estabelecida* pelo sr. Gonçalves Vianna, parecendo querer isto significar que o sr. Vianna decretára, como o Affonso Costa, da sua alta magistratura, uma ortografia dictatorial, e que nós, como literário rebanho de Panurgio, nos curvavamos ante a sapiencia única e a única autoridade do erudito filólogo, numa subserviencia de imbecis. Ora isto quadrava mal numa revista de gente nova e de gente livre; eu vi mesmo a *Aguia* hesitar um pouco no seu vôo pelas alturas, assim prezas as azas ás pernas académicas do sr. Gonçalves Vianna — a *Aguia*, o animal de instintos reaes, de soberba e bárbara independencia, que, acima das discussões estéreis dos filólogos, ama a livre expansão d'aza e a energia do vôo livre.

Foi esta *incoherencia* de ordem moral que me chocou. A *Aguia* amava, segundo a bella palavra de Alvaro Pinto, «a grandeza dos horisontes claros»; ella seguia «para longe, para o alto — sempre para mais longe e para mais alto!...». Não seria pois legitimo que se lhe prendesse uma aza á casaca veneranda do venerando sabio e que, subindo tão alto, a forçassem a olhar, cá para baixo, para as disputas dos que amam as disputas indiferentes.

Poderia eu mesmo escrever com a ortografia do sr. Vianna, a *Aguia*, revista de temperamentos livres e de talentos livres, não podia aceitar uma uniformidade imposta, primeiro porque ella tem um vago horrôr á uniformidade — á tristeza do mesmo horisonte, á monotonia da mesma paisagem, — em seguida porque tem um ódio nitido á imposição, ao dogma, á autoridade.

E pois que nós pusémos na *Aguia* muitas das nossas esperanças e queremos lançar nella aquéla parte do nosso coração que deseja o melhor, aquela parte do nosso sêr que devemos mostrar nas coisas minimas, vive na liberdade, como nas coisas máximas, a *allure* livre da nossa marcha, o fundo aquilino da nossa alma transmotadora. Para longe, portanto, a uniformidade que não nasça, expontaneamente, d'um ditame das consciencias.

Foi este aspecto moral da questão que eu tive o ensejo de vêr. Garanto ao Alvaro Pinto e ao dr. Cortesão que foi o único que vi. Quanto ao mais, não me interessa: não é da reforma ortográfica, já agora, que eu espero a salvação do mundo.

Raul Proença

O FOGO

(FRAGMENTO)

Quando anoitece, nas florestas, os viajantes,
Para conter ao largo as feras vigilantes,
Costumam accender em torno do repouso
Do seu acampamento um circulo furioso
De fogueiras. E ao ver ao longe as labaredas,
No recesso da sombra estremunhadas, quêdas,
As feras rugem insondaveis orações.
Sanguinolentos psalmos, igneos threnos, visões,
Que se fazem bramido e verbo coruscante,
Rasgam a noite num tropel apavorante...

Uma profunda litania de uivos cresce
Da cavernosa escuridão. Roufenha prece;
Vagido tempestuoso onde alvorece e chóra
A ideia que recorda o já ter sido aurora,
Saudade truculenta, adoração e panico...
Soluçante evohe, torvo gemido oceanico
Largando na amplidão, mugidora e lendaria
A profecia duma bôcca millenária!...

Espalha-se na treva um mysterio infinito,
Como se os symbolos augustos de granito,
O touro alado, o leão e a esphinge entre o arvorêdo,
Andassem proclamando o lôbrego segredo
Que nos seus labios tantos séculos guardáram.

Os murmurios da noite esmorecendo páram...

E o fogo clama: Eu sou o sangue que procura
O sol — o ethereo coração. A alma obscura
Da materia dormente, o espirito das cousas
Inanimadas. A ti pedra que repousas,
Bronco estilhaço taciturno ao abandono,
Arvore morta, folha morta pelo outono,
Cadaver, podridão — a tudo eu purifico
Eu liberto, eu redimo.........................

Eu vos converto, ó formas trágicas, ó ruinas,
Em nova essencia — mãe doutras fórmas divinas,
Em ether, embrião, em origem radiosa,
Em éstos de infinito! Eu sou a nebulosa
Do futuro. Eu conquisto, eu recolho em meu seio
Toda a ambição, toda a tortura, todo o anceio
Encarcerado nas profundas da materia
E com elles atiro á amplidão a siderea
Semente, o germen harmonioso, sonhos de astros,
Chimeras de astros invisiveis. Inda a rastros,
Inda na terra a minha chama balbucia,
Segreda a melopeia espiritual que um dia
Os mundos soltarão demandando o seu norte.
Eu sou uma abelha incandescente e a roxa morte
Para mim é uma flor. Ah! ergue ó rubra Chama,
O' rubra aza crepitante, ergue e derrama
O nectar mysterioso, o polen sagrado,
O espirito da luz!..............................

Coimbra, novembro, 1910.

Mario Beirão

MICHELET

O que para mim torna particularmente grande a figura de Michelet, não é já o seu ardente liberalismo e a sua enérjica e independente atitude nos tempos revolucionários em que viveu. Altas figuras, as houve, nesse seculo XIX, mas quasi todas, levadas pelas paixõis políticas, cairam num detestavel faciosismo. Michelet, não. Uma larga onda de Justiça, de enternecida Bondade e penetrante simpatia

MICHELET (Morto a 9-2-1874)
(Desenho de Jaime Cortesão.)

alaga fecundamente a sua obra. Assim o Michelet historiador, o crítico, o pedagôgo, o naturalista, o filósofo é sempre e acima de tudo — o Poeta e o Apóstolo.

E' ele o primeiro que dando á História um caracter de drama vivo, faz desempenhar ao Povo os seus violentos, injénuos e generosos papeis. Mas onde o seu amoravel espírito de justiça mais vastamente se surpreende é nos numerosos trabalhos que ele dedica á Mulher e nesse sôpro ansiôso com que procura explicar o Mistério do Amôr atravez a Natureza inteira.

Os seus livros — *O Insecto, a Ave, a Montanha, o Mar, as Mulheres na Revolução, a Mulher, o Amor*, etc., são alem de estudos filosóficos e sociais, verdadeiros poemas líricos. O próprio estilo cheio de fôgo, de ritmo e de emoção, cortado de pausas, de arrepios e de ímpetos relijiosos faz lembrar a Poesia. Entre todos os seus últimos livros, escritos sob a influência de profundos estudos de história natural e fisiolojia, já no declinar da vida, mas com o coração reaquecido por uma nova paixão amorosa, avultam, pelo ar grave e candidamente bondôso, pelo seu respeito quasi místico, pela novidade, pela clarêza, pelà generosidade de ideias, as suas obras *L'Amour* e *La Femme*. O caracter sibilino da Mulher, a sua misteriosa fisiolojia, seus transportes e sublimidades afectivas; e a profunda unidade do Amôr, a santificação do Desejo e a amplitude filosófica do pensamento fazem desses dois livros — duas obras geniais e eternas. O seu *romantismo* — o defeito que muitos criticos francezes lhe apontaram, é no fundo o seu mais alto valôr.

O defeito dessas obras não é esse.

É que Michelet viu demasiadamente a mulher da sua época, generalisou abusivamente as condições especiais dos seus últimos amôres e trata ainda a Mulher como uma creança, para quem se deverá ter um tam bondoso patronato, que ela fica em relação ao homem em condições de pura irresponsabilidade.

O Livro *L'Amour* tem capítulos, cuja leitura envergonhará toda a mulher nobremente educada na compreensão dos seus devêres e que para as outras constitue um perigôso estímulo a abusarem de tantos priviléjios concedidos á sua fraquêza.

Para os homens é que esse livro é mais necessário e é que ele foi escripto: para compreenderem a Mulher e para aprenderem a ama-la, sem cair nos exajeros daquele induljente e enternecido avôsinho.

E se Michelet escrevia esse livro em 1858, porque a França estava doente e não sabia amar, que até os casamentos e os baptisados diminuiam, agora é todo o mundo que adoeceu e que precisa do remédio desse extraordinário velhinho, que é uma das maiores glórias da França e da Humanidade.

Duas leis da Republica

Na vasta obra realisada pela Republica destacam-se duas leis recentes, dignas d'uma attenção especial.

Referimo-nos á lei promulgada pelo ministerio do interior, concedendo ordenado por inteiro e gratificação d'exercicio ás professoras primarias durante dois mezes, no periodo que precede e segue o parto, e á lei promulgada pelo ministerio da justiça, amparando e prestando assistencia ás creanças moralmente abandonadas.

Estas duas leis definem já a orientação da nossa juvenil Republica perante problemas de tamanha importancia social.

As gerações futuras, estão merecendo ás instituições republicanas attenções e cuidados a que o antigo regimen não as havia habituado.

As duas medidas legislativas que citamos são um bello e animador symptoma.

Que dizer do largo impulso dado nos ultimos trez mezes ao ensino primario?

Não nos resta portanto a menor duvida que um espirito novo está revolvendo a patria portugueza e que a Republica saberá levar a cabo, conjunctamente com a sua immensa obra d'emancipação politica e religiosa, uma profunda acção de solidariedade social.

*

Nada mais justo que a protecção collectiva á mulher gravida antes e depois do parto.

Pinard, uma das maiores glorias da obstetrica franceza, provou á evidencia a influencia benefica do repouso nos ultimos tempos da gravidez. Em 1895, graças ao illustre mestre, ficou scientificamente demonstrado que as creanças recem-nascidas cujas mães haviam repousado tempo sufficiente antes do parto, eram muito mais pesadas e tinham muita mais vitalidade que as creanças cujas mães trabalhavam até ao momento de as darem á luz.

Esta demonstração scientifica têve immediata repercussão na legislação mundial.

Em quasi todos os paizes foi permittido o repouso ás mulheres gravidas.

Mas, como a todos logo resalta, uma tal disposição assim estabelecida é irrisoria e improficua.

Pretendendo-se proteger efficazmente a mulher gravida, a duas condições temos que attender:

Garantir-lhe o direito de repouso;

Assegurar-lhe os meios de subsistencia durante todo esse periodo de repouso.

A Allemanha e a Austria resolve-

ram o problema concedendo nas suas leis de seguro obrigatorio contra a doença um subsidio ás mulheres gravidas.

Em França, a questão ainda não foi resolvida inteiramente. Apenas pela lei de 27 de dezembro de 1909, devida á iniciativa do deputado Engerand, ficou estatuido que a *suspensão do trabalho pela mulher, durante oito semanas consecutivas no periodo que precede e segue o parto, não pode ser uma causa de ruptura pelo patrão do contracto de trabalho.*

Quer dizer: a lei franceza garante o repouso durante dois mezes á mulher gravida sem que ella possa ser despedida pelo patrão mas não lhe assegura a subsistencia durante esse periodo.

A lei portugueza restricta, por emquanto, á classe das professoras primarias, já satisfaz por completo ás duas condições indispensaveis a uma authentica protecção: garantia de repouso e de subsistencias.

Poderá mais tarde esta lei extender-se a todas as mulheres trabalhando no commercio, na industria, na agricultura, no serviço domestico?

Sem duvida. Mas esta vastissima obra de solidariedade social exige recursos economicos de que a Republica ainda não pode dispor.

Esperemos todavia que methodicamente alguma coisa se irá fazendo n'esse sentido, creando e subsidiando as mutualidades maternas.

*

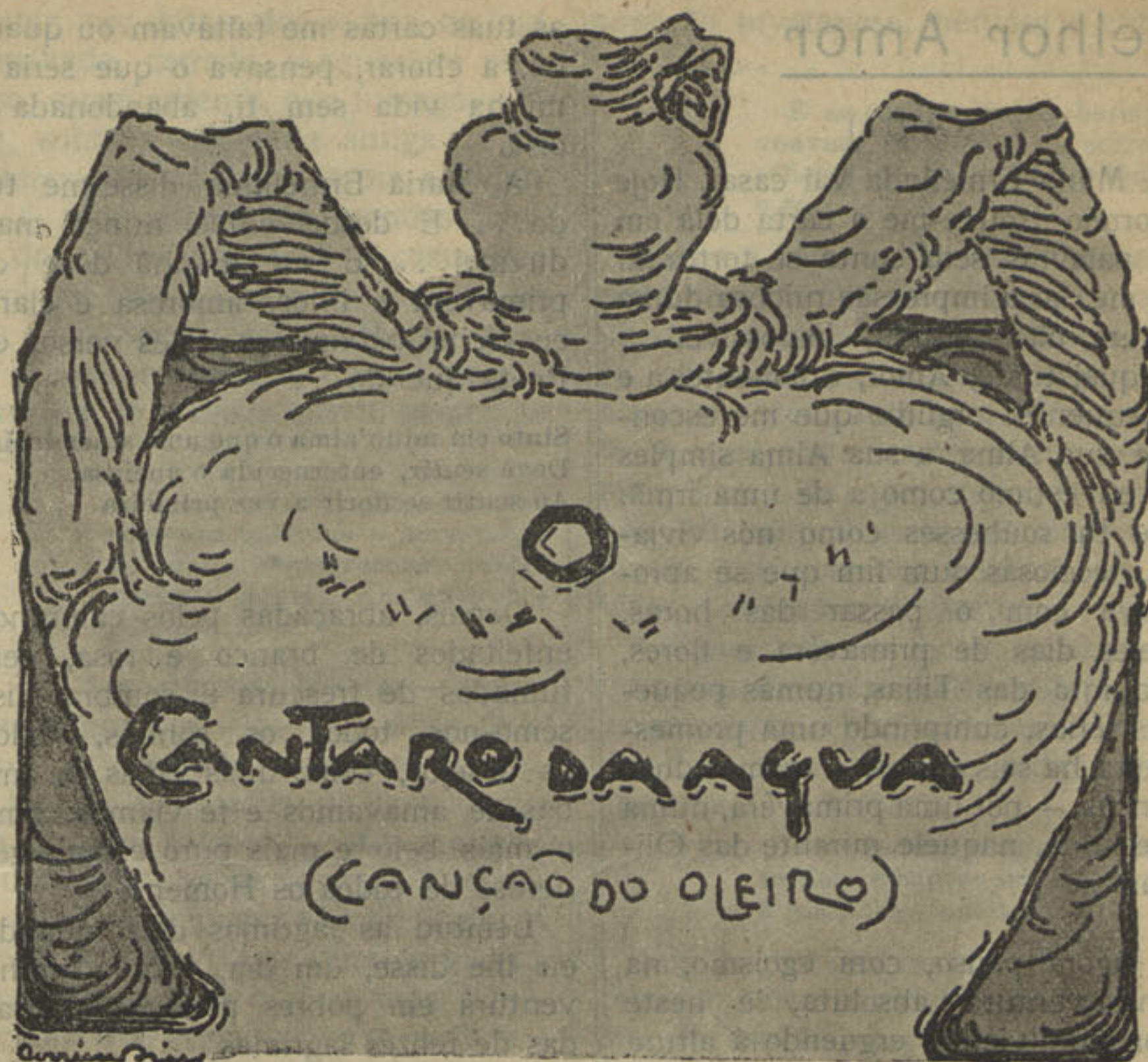
A lei promulgada pelo ministerio da justiça referente ás creanças moralmente abandonadas tambem enaltece a obra da Republica em Portugal.

Tudo faz prevêr para muito breve reformas profundas nos institutos de correcção para menores e até a creação d'uma magistratura especial para delinquentes menores como já existe nos Estados-Unidos da Norte-America.

A vastissima illustração do dr. Affonso Costa, as suas extraordinarias faculdades de estadista moderno e de criteriosa audacia, são penhor bastante e sufficiente de que a questão da infancia moralmente abandonada, delinquente, entrou decisivamente n'uma phase nova, de completa transformação.

Saudemos portanto a Republica que, em tão pouco tempo d'existencia, já trabalhou tanto pela causa sagrada das gerações d'amanhã.

Porto, 1911.

Angelo Vaz

Ao pé das Aguas correntes,
de bruços, matei a sêde:
e, encanto que me faz magua,
nas mãos depois encontrei
a concha de beber agua.

Mas o vaso era imperfeito;
e a sêde não me parava
por montes de áridas fráguas,
a modos que era de geito
ter um regato comigo
pelos desertos das aguas.

E vai como era preciso,
com juizo e logo, adrêde
da terra-mãe, fiz o vaso
que bastasse á minha sêde.

E como sabia amar,
— a gôsto de rapariga
minha amiga e minha bela —
foi cheio do gôsto dela
que eu me dei a modelar.

Dum barro côr de Sol-pôsto,
— Ora vêde que primôr!
eu fiz o púcaro e o cántaro,
á vista do meu Amor
— Foi cheio do gôsto dela,
— foi meu Amor, foi Aquela,
num dia, môrto de sêde:

Ora vêde
Quem o anima e reanima,
Senão é o corpo dela
Da cintura para cima?

E, em ar de dança do Povo,
os braços ergue á cabeça;
e o pucarinho, com graça,
sentado no têsto côvo,
é uma figura travêssa.

Foi cheio do gôsto dela,
foi meu Amor, foi Aquela...

Coimbra, 1910.

Affonso Duarte.

(Desenho de Correia Dias.)

Melhor Amor

(CARTA)

A Maria Ermelinda vai casar. Hoje o correio trouxe-me a carta déla em que palavras sem conta se torturam p'ra me dar a impressão ruidosa duma ventura não sentida, impossivel...

Fiquei triste, Amor, e lamentei-a e ao pequenino orgulho que me esconde a sua Alma, a sua Alma simples que eu estimo como a de uma irmã.

Se tu soubesses como nós viviamos, receiosas dum fim que se aproximava com o passar das horas, aqueles dias de primavéra e flores, na quinta das Tilias, numas pequeninas férias, cumprindo uma promessa feita ha seis annos, — eramos duas creanças, — por uma primavéra, numa tarde linda, naquele mirante das Oliveiras...

E agora penso, com egoismo, na minha ventura absoluta, e neste Amor que viémos erguendo á altura dos nossos sonhos, desde o primeiro alvorescer das nossas almas, quando nos presentíamos, sem nos conhecermos, á procura um do outro, numa dolorosa e anciosa esperança...

A Maria Ermelinda vai casar. Quazi me não fala do noivo. Talvez porque ambas o conhecêmos...

E nestas palavras ruidosas, atropeladas, em que me conta a triste boa nova, eu leio o necrologio de todas as ilusões que ela se déra, cheia de confiança em si mesma, prometendo-se a um amor como o nosso que ela esperava, confiada, encontrar.

E recordo aqueles dias lindos e floridos na quinta das Tilias toda verde e perfumada, como um bosque da lenda que a nossa imaginação povoava de maravilhas e de fadas.

Uma manhã, — heide recordá-la sempre, — junto do pequenino lago onde tu escrevêste um dia aqueles versos que eu amo, — lembras-te? — A Sinfonia das Aguas —, falando-se de ti, ela adivinhou tudo, disse-me do meu Amor o que eu não conhecia ainda, desvendou-me, em palavras ingénuas soando carinhosas entre o perfume e a visão branca dos lirios que aspiravamos enlevadamente, — toda a clara e harmoniosa intima paisagem desta Vida que as tuas palavras de Eleito iam realisando no sonho incerto e inquieto da minha anciedade de virgem. Era quando a mim propria eu perguntava, — tonta e ceguinha que eu era! — se te amaria já, — eu que sofria quando as tuas cartas me faltavam ou quando, a chorar, pensava o que seria a minha vida sem ti, abandonada e orfã.

A Maria Ermelinda disse-me tudo... E desde então nunca mais duvidei... E na manhã dôce de primavéra e lirios, amorosa e clara, eu recitei baixinho aqueles versos do Poeta querido...

Sinto em minh'alma o que uma amendoeira
Deve sentir, enternecida e anciosa,
Ao sentir-se florir a vez primeira...

*

Depois, abraçadas pelos caminhos enfeitados de branco e rosa, perfumados de frescura e sombra, dissémo-nos todos os sonhos, todos os desejos, como duas irmãs. E ambas te amavamos e te viamos como o mais belo e mais puro e mais generoso de todos os Homens.

Lembro as lagrimas dela quando eu lhe disse, um dia, toda a minha ventura em pobres palavras aljofradas de felizes lagrimas.

Tu estavas perto já, meu Amor... Eu esperava-te, anciosa e feliz, — ó meu orgulho!...

Depois, quando viéste e ficámos, sem dizer nada, opréssos de ventura, a olhar-nos, sufocados, extasiados de beleza que palavras não abrangiam e o silencio divinamente traduzia, — ela afastou-se com um sorriso triste nos seus olhos humidos e bons...

O que nós dissémos, — que perfeitos silencios e mudas comunhões as das nossas almas irmãsinhas!...

Esquecêmos tudo, esquecêmo-nos dela. E, lembras-te? — junto ao cêdro velho, naquele pequenino macisso em que ha ninhos e madre-silva em flôr, — lembras-te? — fômos encontrá-la a soluçar, sósinha, e vimo-la sorrir, num triste sorriso, — á nossa ventura inegualavel e divina.

Um dia encontrei-a beijando devagarinho o teu retrato. Quando me viu junto dela abraçou-me com despêro e senti correr nas minhas faces as lagrimas quentes dos seus olhos macios...

Ela amava-te como um irmão. Sonhava o nosso futuro, dizia-me os teus versos, e, na tua ausencia, — era a minha companheira e a minha alegria, — porque só ela sabia dizer as palavras dôces para a minha Alma...

Ha tempos pediu-me um teu retrato... Eu não te disse nada, ó meu Amor... Jurei-lhe que nada te diria...

Eramos duas almas a querer-te, e eu sei como a tua Alma vive bem quando respira uma atmosfera clara e pura de Amor...

E eu não te disse nada...

A Maria Ermelinda vai casar... A amargura da sua alma simples que eu adivinho nesta carta triste sinto-a na minha alma como um remorso, — e a minha felicidade perfeita parece que vive das lagrimas dolorosas e amarguradas daqueles olhos amoraveis e macios...

O' meu Amor, — perdôa-me!... Eu adivinhei-o, — e sôfro a dôr altiva daquela alma, — ela amava-te, ela amou-te sempre!

Esta carta é como a condenação da minha ventura... — Eu não te mereço, ó meu Amor!

Os teus beijos falar-me-iam das lagrimas dela. A minha alegria terá sempre comsigo a sombra inquietadora daquele altivo sacrificio...

O' meu Amor, eu não te mereço, — ela amava-te mais, ela amou-te melhor!...

Lisboa, 1910. *Maria de Castro.*

Do livro A AMISADE DELICIOSA

I

JAPONEIRAS

Como tu vaes, Mary, á festa dos *inglezinhos*, a Cintra, traze-me flôres de ao pé da fonte das andorinhas, ou melhor, de ao pé da agua que borbulha sob os limoneiros. Entre a tua *blouse* de cassa, fresca e tão transparente que atravez d'ella se vê o *Christo* regular que trazes sobre o cólo... entre a abertura da tua *blouse*, traze-me das flores da japoneira — das que agora o nevoeiro adoça, o teu olfáto interroga e a minha indolencia admira...

Porque me não desagradam as coisas simples e belamente frias. Musgos de rocha vertendo orvalhos e nevoas; uma estatua manchada de nodoas de agua; um paquete riscando o mar, inglezmente desdenhoso, immediato — essas são impressões que me deleitam, porque me aquietam mais e mais risonhamente me surprehendem!...

Volta breve de Cintra, e traze-me as minhas flôres.

E escolherás, creio bem, das japoneiras que são frizadas e córadas como as pequenas da provincia; das que têm alvas manchas de leite, como as mulheres têm sárdas; ou então das que esmorecem triste e

geladamente clóroticas, entre as brumas e os frios...

Quando voltares, á tua espera tens o fogão do meu quarto, onde brilham e se amarguram as nossas brazas. A tua pelliça e as tuas mãos pequenas, friorentas, hão-de sentir-se bem no regresso. E ao clarão spasmodico do fogo — reflectindo no azul ingenuo dos teus olhos — cada uma d'essas flôres dir-me-á, nas tuas mãos, como tu mesma costumas dizer-me:

— Aqui me tens... se me queres... se te não canso!...

*

Porque as flôres de japoneira são deste mez dos *Santos*, na minha terra. Ao *Senhor-Jesus*, em verdes jarras de barro, encontra-l-as em muito quarto, em esconsas alcovas de rapariga, nas capelas antigas que a chuva do temporal cobre no campo, quando agora se reza das *almas* por manhãs frigidissimas. Lá, meu amôr, sob as bategas obliquas e azues e cinzentas, nas tardes mortas e platonicas de abstração, verias como as japoneiras vergam e se desesperam, manietadas pelo vento furioso do mar... E as flôres brancas e de rosa — d'esse modo — quando recordo ve-las sobre a terra encharcada e debaixo de ceus brumosos, que precepitam as nuvens torvas para o sul, parecem-me, espiritualmente, a imagem d'esse tempo dramatico — tão frias como elle o é, mas familiarmente tão delicadas!...

Vae e regressa breve, Mary. Trazeme as minhas flôres, volta a estas brazas e vem dizer-me, como tanta vez:

— Aqui me tens... se me queres... se te não canso...

II

A TRISTE CANÇÃO DA CHUVA

Durante uma tarde, em janeiro (ventava immenso...), estivemos a escutar, por detraz dos vidros, na loja agasalhada, cerrada, o aguaceiro pluvioso, quasi ardente, que fumegava lá fóra, sobre a calcetaria antiga... A aflorarem-lhe da capa escura e felpuda, o seu rosto e as grandes contas dos olhos amorosos e castanhos eram de uma graça e dum mimo de gata aconchegada entre pelliças — postos silenciosamente, á chama negro-vermelha do brazeiro que tinhamos ao lado...

> E as cordas d'agua rolavam; rolavam partidas e levantadas no vento, a enegrecerem precocemente aquelle dia soturno e gelado...

Com que amorosa tristeza — muito leves e grandes — os seus olhos fixavam o ar cinzento, o enxurro pesado, as janelas ventiladas do casario corrido de em frente!... Ao contrario de uma flôr que se descerra e recebe no seio, sensualmente, o ar pleno da manhã — a sua alma abria-se triste e sofrega, mas para aspirar toda a melancholia que desmandava o vento, e a todo o gelo desnudo que impulsionava e aturdia a chuva brusca do fim invernoso da tarde...

> E as cordas d'agua rolavam; rolavam partidas, feridas e cinzentas, esvoaçando sob os desvarios frios da ventania...

E convalescente e dominadora, inclinava sobre o lume as suas mãos claras, que se pintavam de oiro. Sós, no escuro logar tranquillo, nem uma palavra trahia a deliciosa vida contemplativa das nossas almas!... Pintavam-se de oiro e escureciam ao de cima, as mãos rosadas e abrazadas de reflexos. Pintavam-se da côr adormecedora do oiro... Como se de nada mais precisassem os olhos que se molhavam de uma lagrima sofrega... os corações que se precipitavam d'uma anciedade esquesita e rude... os corpos que se não adormeciam por uma sujeição mysteriosa, nervosa e enternecida!...

> E as cordas d'agua batiam e voavam, arvoreas na corrente etherea do vento desordenado e frio...

Tinha-a tranquilamente sobre o peito, em frente ao lume, toda aninhada e amorosa como uma rola que se adormece... Esperançados, punhamos o coração n'uma data distante, á qual nós seriamos livres, sós — mais livres do que então. Porém (e não sei porquê) os nossos olhos choravam e os corações tremiam de duvida... tremiam de susto!...

Olhei-a toda nas faces: os labios arqueavam de mimo; cahiam-lhe molles as palpebras cerradas... um nevoeiro de rosa illuminava-lhe toda a face amorosa e fresca!...

> E as cordas d'agua cahiam; cahiam e cantavam, invernosas e pluviosas, anoitecendo...

Iam morrer as brazas... já tarde!... Sobre o lume escarlate um crepe negro de carvão apagado e duro, sugeria-nos o veu sombrio da sacerdotica egypcia — o qual véla as carnes dominadoras e ardentes!...

Abraçamo-nos, então. D'esse abraço ainda possuo, no sangue triste, manchas fataes de dominio e tortura!... Abraçamo-nos muito, estreitamente, com as faces ligadas. Abraçamo-nos num apego infinito, sofregos na escuridão, em beijos que se succediam profundos, violentos, anciosos!...

Nenhum de nós, porém, saberia dizer porque chorava... porque chorava muito...

> E as cordas d'agua rolavam; rolavam frias e desordenadas, frias e clamorosas, lá fóra, ao relento, na noite immensa!...

[signature]

AMOR DE DEUS

Antes, — ó meu Amor — pelos céus fóra,
Junto ás fontes da Vida, vagueava
O espírito de Deus... E em branca aurora,
Em comoção e amor se concentrava.

E era o amor o Espírito vogando
No seio do Mistério, — claridade,
Promissora e divina, fecundando
O silencio irreal da imensidade...

Era a extasiada vista que resume
A visão absoluta, a visão pura,
E, sem ser Vida ainda, era perfume
E terra toda em flôr e creatura...

E a imensidade muda e recolhida
No seu silencio extático e fecundo,
Sentia já pulsar em si a Vida,
Sentia em si o latejar do Mundo.

No amor, em Deus, no abraço imenso e puro
Em que o Amor os espaços abranjia,
Já existia o tempo e o Futuro,
E a vida imensa e rútila existia...

Alma infinita e só, alma fremente,
Errante e claro espírito de Deus
Era a ancia fecunda que presente
As florações que ham de estrelar os céus...

O Universo era amor, — o amor: oceano
A transbordar na imensidade escura,
Aonde o cosmos, a Terra, o sêr humano,
Apenas eram a visão futura.

O Universo era Amor —. E era desejo...
Que já o Amor alvorescia o espaço,
E resúmia os mundos já num beijo,
E fundia o Universo num abraço.

E assim a imensidade já não era
Amor somente, — mas amor-florido,
Inquieto presentir de primavera,
Amor de Mãe desperto e presentido.

E á flôr dos céus, no abismo, á luz de aurora,
Piedoso olhar do Amor amanhescente,
Ondeava na luz, pelos ceus fóra,
O Verbo creador, suavemente...

Depois o Amor, céguinho de sentir-se
Em si mesmo, céguinho e deslumbrado,
Quiz a si proprio, com amor, cinjir-se,
Quiz abraçar o Amor, ser abraçado.

E o desejo elevou-se ao paroxismo,
Em crispações, em extases, loucura,
Ilimitando e reduzindo o abismo
Em fogo, em luz, em beijos, em ternura.

— Ah que visão longinqua em mim se exalta
Em meus intimos olhos piedosos,
Como um facho de luz profunda e alta
Sobre distantes longes nebulosos!...

Era a ancia indomável do desejo,
Num desespêro, delirante, louca,
O Amor que quer divinisar-se em beijo
E que vai p'ra beijar e não tem boca!

Que não tem labios que resumam tudo,
Todo o infinito que esse Amor traduz,
Que luta e sofre, num combate mudo,
E se desfaz em lagrimas de luz...

— Ser tanto amor, — Amor —, e não ter braços
Para cinjir a vastidão dos céus,
Para abraçar os longes dos espaços,
Para Deus abraçar ao proprio Deus!...

Ser tanto Amor e pela imensidade
A vaguear, como um espétro vão,
— E não poder, da propria claridade,
Fazer brotar o Amor num coração!...

Nem a tristeza dum olhar saüdoso
A recordar a luz que se perdeu...
Ah! nem a Dôr dum anjo doloroso,
Dum exilado a recordar o ceu.

Nem a loucura maternal, varrida,
De amargurada Mãe a recordar
Que o filho morto que lhe deu a vida
O traz nos braços para o embalar!...

Nem a amargura imensa dum perfeito,
Dum carinhoso amor abandonado,
A aconchegar, sósinho, sobre o peito,
O seu proprio sofrêr bem abraçado...

Nem a tristeza sepulcral duns braços
Que se abrem, largos, francos, a abraçar,
E tombam tristes, a sonhar abraços,
Emquanto os olhos ficam a chorar...

* * *

E nos olhos do Amor, de maravilha,
Cintilávam as lagrimas... E os ceus
Fecundava-os a Dôr, a doce filha
Amorosa e altissima de Deus.

Iam tombando as lagrimas no espaço,
Iam brotando os soes na imensidão,
Num germinal de mundos, no regaço
Indefinido e astral da imensidão.

* * *

Névoa de pranto em olhos macerados,
Luz de visão suprêma e piedosa,
Ondeiava nos longes encantados
No extasiádo ondear de nebulosa...

E os desespêros da emoção que eleva
As lagrimas aos olhos, rutilavam
Enceguecendo e alumiando a treva,
Nas pupilas dos Soes que deslumbravam...

E o caminho das lágrimas, jornada
Infinita nos céus da alma, — agora
Era a órbita imensa e abraçada,
O caminho dos soes, pelos céus fóra...
....

Augusto Casimiro

Coimbra — Novembro — 1910.

Os Colaboradores d'A ÁGUIA

Júlio Ramos
(Desenho de Verjílio Ferreira.)

BIBLIOGRAFIA

JAYME CORTESÃO — A arte e a medicina — Anthero do Quental e Sousa Martins [1]

Ligeiras considerações

A obra de Jayme Cortesão sobre Anthero do Quental é uma obra de sympathia. Poeta como Anthero, e como Anthero poeta de profundidade, Jayme Cortesão defende-o de todas as classificações pathológicas com aquêle amôr com que nos pômos a defender o que constitue a melhor parte de nós mesmos. Aqui e ali, por distracção, vê-se que está prestes a conceder um caracter pathológico a determinadas manifestações, mas tão levemente se demóra na acentuação d'esses traços que dirieis antes que o tomou um súbito remorso ou um repentino acréscimo de paixão.

E' que a obra do poeta da *Aguia* não é simplesmente uma obra de sympathia. A sympathia é mesmo a condição primária na critica d'uma obra d'arte; só ella nos põe em communicação com as almas; Guyau viu-o bem. Não; é mais do que isso; é uma obra de paixão. Falta-lhe essa clarividencia na apreciação, esse espirito de dissociação e de análise, esse desinteresse voluntário nas conclusões, que constitue o que em todos os tempos se convencionou chamar o espirito critico. Este admira, mas não deixa de distinguir onde deve admirar e onde, pelo contrário, há-de passar adeante. A admiração, o enthusiasmo mesmo, não se lhe projecta todo no campo da consciencia, como uma nuvem que se estendesse inteiramente pelo céu, parecesse cobrir ou falsear o relevo das coisas.

Não assim com o que d'esse espirito é falho. Esse deixa de reagir e de comparar, *deixa de distinguir*, para se abandonar irresistivelmente ao sincretismo do pasmo, para se obnubilar pela nuvem que a sua admiração do fundo do seu espirito foi erguendo. O espirito não critico é um império absoluto: não reconhece a separação dos poderes.

Assim Jayme Cortesão, «O meu coração — disse elle um dia — só póde amar e admirar com paixão».

Qual seja o intento e a atitude do poeta neste trabalho dizem-no bem claramente as suas palavras. O seu intento confessa-o elle quando diz que o que mais o preocupa «é a questão moral d'uma dupla rehabilitação». A sua atitude manifesta-a bem quando nota que «nós outros (os artistas) escrevemos as mais das vezes á custa do amôr e do soffrimento, do enthusiasmo e da indignação».

Quer dizer, o autôr começa a sua obra de critica condemnando-se desde logo como critico. E' para agradecer-lhe tamanha sinceridade.

Seria, pois, inutil esperar nesta obra um grande rigôr dialetico ou uma desinteressada observação psichológica. Esta é uma obra de Irmão que defende noutro, com muita vehemencia e com muita nobreza, ainda que sem serenidade, o que no entender próprio fórma a sua dignidade, a sua gloria de familia.

Comtudo, era facil sêr severo para Sousa Martins. E se nem sempre, em questões de acidente, Jayme Cortesão analisa com aquela imparcial visão critica que é de uso exigir-se em trabalhos d'este género, quasi sempre — pela força mesmo das circunstancias — elle acerta nas linhas geraes.

A obra de Sousa Martins ahi discutida, a *Nosografia* de Anthero, nasce num periodo de alucinação e de superstição scientifica bem explicada pelos maravilhosos progressos do scientismo na fisica, na chimica, na biologia e nas suas aplicações industriaes e technicas. Com os seus progressos coincidia o maior dominio do homem sobre a natureza. A cada passo se creavam novos recursos de observação e mais fecundos meios experimentaes. Esperou-se da Sciencia o último milagre; fez-se d'ella o último deus.

Foi esse o erro. Mas erro até certo ponto explicavel. Quem viveu nessa corrente prodigiosa de renovação scientifica dificilmente se furtaria a confiança mais ingenua no poder revelado da inteligencia humana. O proprio Nietzsche — de ordinário tão profundo, tão original — não escapou a esta influencia perniciosa do intelectualismo. Na sua segunda fase, afasta-se mais de Dionysos, para se aproximar mais de Sócrates.

Podemos chamar a este periodo de intelectualidade petulante *o reino da Burguesia*. E' então que aparece o positivismo, e a doutrina comteana defensora da Ordem e da Razão do Estado. E' então que surge o determinismo, que nega a liberdade creadora e a doutrina da *Evolução*, que subordina a Revolução ao movimento evolutivo. A Revolução era — neste reino espiritual da Burguesia — uma serie de evoluções que a cada passo seguem a Ordem das coisas, quando hoje uma experiencia mais immediata da vida parece convencer-nos que a Evolução é que é uma serie de revoluções que a cada passo alteram a ordem das coisas para lhes ditarem uma nova ordem.

Foi a grande ilusão do suficientismo da inteligencia na comprehensão da vida. Escalou-se o céu com o intelecto. A Razão — não esta Razão longa que sintetiza as experiencias da vida, mas esta Razão tradicional que se opõe á visão pessoal e ao intuicionismo — a Razão foi o novo Prometteu.

Comte no seu *Curso de filosofia positiva* fixa o quadro dos conhecimentos humanos. Zola aplica a Sciencia á Arte, e formúla o naturalismo; em nôme da Sciencia condemnará *L'Ane*, de Victor Hugo, Strauss ergue um trino á nova fé. Berthelot defende a moral scientifica, numa confusão inaudita entre os juizos de facto e os juizos de valôr, como se se pudesse basear uma moral no theorema das tres perpendiculares. Heckel resolve os sete [1] enigmas do Universo e põe-se a dormir, como o Deus da Biblia, ao fim do setimo dia. Fala-se mesmo na Religião da Sciencia, com a ilusão pueril de quem pretendesse mugir uma montanha p'ra lhe estrahir o leite maternal.

A Burguesia fica assim solidamente instalada.

A este estado geral d'espirito, depressão filosófica paraléla á exaltação intelectual das conquistas scientificas, corresponde da parte da psichologia e da parte da critica uma confiança identica e uma depressão igual.

A psichologia tende a limitar-se e a perverter-se mesmo no campo da psicofisiologia. Aplica-se a biologia á alma humana: Le Dantec defende os seus paradoxos. Trata-se com desprêzo a introspecção: toda a psichologia de profundidade é posta de banda.

Os médicos ampliam a *critica scientifica* — visão toda exterior das obras d'arte, se é certo que uma critica exclusivamente intelectualista é como uma brisa superficial que afiôra as coisas sem as penetrar intimamente. Lombroso, Nordau, Toulouse, Féré, de Fleury, julgam-se na posse de todas as faculdades para bem julgar as criações dos genios. Que importa que lhes faltasse essa penetração psichológica, essa intuição profunda, essa intima capacidade de sympathia, que são condições primárias na psichologia da creação artistica! Armados da Sciencia, e iluminados por ella, elles descobrirão tudo quanto ao homem é dado descobrir, elles formularão a «equação algébrica das almas», e trarão assim, para edificação das gentes, na sua mão profanadora, na sua mão sacrilega, a verdade cruel, a verdade bárbara, não há dúvida, mas a verdade dominadora e a verdade definitiva.

E assim, o reino da burguesia é o reino do filistinismo.

E' pois absolutamente justa esta observação do autôr da *Morte da Aguia*:

«O erro fundamental e geralmente commum aos medicos que teem feito critica literária sob o ponto de vista médico é o de ignorarem completamente a psichologia particularissima dos artistas».

E' que elles puseram toda a sua tábua de valôres na *média humana*.

---

[1] Este artigo foi escrito para o 4.º número da *Aguia*, mas não poude então sêr publicado porque, tendo sido enviado de Lisboa a 10 de janeiro, só muito mais tarde foi recebido no Porto, depois de terminada a gréve dos caminhos de ferro.

[1] Reconhece-se no velho patriarcha do monismo a influencia do tradicional número sete. Não é impunemente que se atacam as superstições.

no rebanho conformista, longe de o pôr nas realisações mais altas da humanidade. E ante um tal critério todas as especifidades, todos os relevos, todas as affirmações mais vivas da pessoa moral são objecto de estranhesa e causa de desconfiança.

A metafisica, o misticismo, as experiencias religiosas, o próprio amôr, tudo quanto no Homem póde affirmar um homem, tudo quanto nelle se póde tingir da sua coloração original, tudo quanto tenha origem na sua expontaneidade e na sua liberdade creadora, torna-se assim um desvio, uma perturbação, uma tese apertada, como máculas de alma, ao exame dos filisteus.

Concebendo o ideal humano como o typo que mais realiza a vulgaridade satisfeita, evidentemente que o medico, assim tornado espelho de toda a mediocridade ambiente, se pôs a condemnar o que nos homens superiores notou de vibração, de enthusiasmo, de acuidade, de angustia, e de desespero.

Observou-se que á exaltação de certas faculdades e á acuidade de certos sentimentos correspondia em geral nos homens de genio uma depressão d'outras faculdades e uma insuficiencia d'outros sentimentos.

E o que atrahe os criticos, na sua *obsessão* doentia de contradizer e na sua *fobia* iconoclasta de superioridade é—não o lado positivo da psichologia do artista, ou pelo menos, ambos os lados—mas o seu aspecto negativo, o que n'elle ha de depressão e de insuficiencia, e não de exaltação e de força!

E' certo que póde haver no grande homem, pela ruptura de equilibrio que o genio parece presupôr certas anomalias e degenerescencias que d'algum modo o colocam na alçada do estudo médico. Mas d'ahi a dizer-se que *o* ou *um* homem de genio é um *degenerado* vae uma enorme distancia que o mais estrito bom senso nos manda não transpôr. Seria olhar o mundo com olhos precoces, e querer apenas colher da vida não o que n'ella ha de energia batalhadora e de altas virtudes, mas de miseravel desgôsto e de inseparavel tristeza.

Ainda assim, tudo isto se reduziria afinal de contas a uma simples questão de palavras, se, como Lombroso e Richet, a *todo* o homem de genio se aplicasse a designação de *degenerado superior*. Mas aparecem depois as distincções; seguindo Moreau de Tours, Max Nordau, um medico judeu de talento, autor de varios romances sem cotação, distingue na sua *Degenerescencia* o genio saudavel, o genio d'um Goethe (?) do genio doentio, o d'um Tolstoi ou d'um Ibsen; e assim a palavra longe de ser uma designação injusta, mas innocente, aplicada a todo o homem superior, toma um sentido pejorativo e, como observa Jayme Çortesão, lança-se ao caminho como uma bofetada insultuosa.

Sousa Martins foi atraido por este filistinismo critico. Como os outros, a nada atende. Elle segue, armado da Sciencia reveladora, iluminado pela Sciencia redemptora. Ataca a poesia no que ella tem de mais puro. A dôr no que tem de mais sagrado. A fé no que tem de mais sublime. O genio no que tem de mais livre e de mais creador.

E no caso especial de Sousa Martins mais a insuficiencia avulta. Porque não é apenas uma confiança abusiva na Sciencia que lhe fez debitar os dislates mais infantis. Aqui intervem o seu próprio temperamento e a sua *absoluta incapacidade scientifica*. D'ahi os grandes erros e as grandes audacias. Tudo quanto a este respeito escreve Jayme Cortezão é nobremente justo.

Sousa Martins foi um imajinativo delirante e um espirito verbalista. Há periodos seus que não encerram nenhuma ideia: são puro verbalismo o que Max Nordau chamaria «uma incrivel *rabotage*». A palavra atrae-o com paixão. Entendendo, como Lombroso, que toda a particularidade é pathologia e tudo quanto seja caracteristico d'uma alma é symptoma doentio, entre o classificar de fobias e obsessões os menores traços pessoaes de Anthero. Descobre que o poeta teve o horrôr de arranjar malas. E logo inventa *efodio-fobia*. Chega a ser pueril. E é elle que escreve: «por mais recuado que vá sendo o *pernetum renotum* dos olhos do espirito, esse ponto—por ser um ponto—marcará um limite. Ver longe, ver muitissimo longe, não é ver no Infinito». Tudo isto é não serio, não é assim? Sim, não ha duvida, tudo isto é *rabotage* pura.

Por isso eu dizia que era facil ser severo para Sousa Martins. A' uma o espirito que o animara está ha tempo extinto, entre as ideias mortas e as folhas mortas. A' outra nenhum pretendido sabio foi menos dotado do que elle do que se chama o espirito scientifico.

Em toda a sua severidade Jayme Cortesão foi indulgente. E' mesmo dificil hoje em dia, mostrar-se tanta condescendencia para esse arquitecto de theorias aérias.

E entre as paginas d'este livro, onde comtudo se não revélam dotes especiaes de critico, há algumas d'uma elevação incomparavel. Aquelas cinco a seis paginas do *Poeta* são verdadeiramente maravilhosas. São as paginas mais ricas, mais fortes, mais «deusas» de todo o livro. Debaixo d'ellas sente-se fogo, ardencias, visão, comunhão intima com as coisas, contacto sensual com o mundo, gestos, ancias, desesperos, torturas, sonhos e misticismo, inspiração distante do Poeta que acha a verdade que alucina, orgulho do Genio que sobe á consciencia de si mesmo.

Não conheço na literatura contemporanea bocado de prosa que mais me faça esquecer o desgôsto de ser português. Jayme Cortesão é como poeta que o amo, é como artista que o admiro porque é então que eu sinto a sua alma mais «próxima», ou antes é então que eu o vejo em toda a sua luminosa transparencia, porque assim, despido de todos os artificios, livre de toda a tortura exterior nos ostenta os thesouros da sua alma exhuberante e a força da sua inspiração d'evocador. E' uma energia cósmica, um fogo animico, uma alma em chammas, uma «torrente que se precipita».

E quanto ao mais... Que lhe importa afinal que chamem degenerados aos homens de talento?

Uma obra d'arte vale pelo que ella tem em si de creador. Que importa o resto? Se os *Sonetos* de Anthero são tão admiraveis como os não há tão admiraveis na hodierna literatura, demos de barato que Sousa Martins o considere um grande degenerado, se elle não é capaz de nos convencer de que não foi um grande artista.

Muitas vezes mesmo, a doença longe de se tornar uma causa de depressão moral, produz por uma reacção do organismo voluntario das energias psichicas contra as inercias da materia, os milagres mais altos, mais exhuberantes da alma. Foi o que reconheceu Hoffding com Frederico Nietzsche e com Guyau. A um assaltava-o a neurasthenia, outro foi atacado pela tuberculose. E comtudo, ninguem melhor do que estes grandes doentes encareceu o sentido da vida creadora, da vida energica, apaixonada, transbordante, dionysiaca. Nietzsche disse mesmo um dia: «Os annos em que a minha vitalidade desceu ao minimo foram aquêles em que deixei de ser pessimista». E o filósofo dinamarquês encara as duas filosofias de Nietzsche e de Guyau, como reacções contra a doença [1].

Por outro lado, o malogrado Williams James—o pensador americano tão cheio de frescura e vivacidade—assimilava a religião e o mysticismo aos fenómenos pathológicos. E não era para os deprimir, demais o sabe o ilustre poeta.

Se assim é, que Jayme Cortesão ponha de parte os seus melindres e deixe taxar de doentes aquélas pessoas altissimas que elle ame. Parece effectivamente que há coisas que só os doentes podem vêr.

Não se zangue, pois, por não chamarem sãos aos que não são demasiado pobres para o sêr. E deseje no intimo do seu coração, com a força do seu desejo de Poeta, mais doentes assim, milhares de doentes assim, toda a Terra doente, assim d'uma doença tão creadora.

NOTAS

Colaboração

Inserimos no 1.º número a nota de que aceitariamos toda a colaboração que nos enviassem, publicando o que o merecesse. Urje modificar. Da numerosa colaboração oferecida pouca se tem aproveitado e não são raras grosseiras invectivas de despeitados. Fica, pois, assente que não mais aceitaremos colaboração pedida pelos autores. A quem entendermos, e pela forma que nos parecer, a solicitaremos.

Transcrições

Algumas folhas, diárias e semanais, têm transcrito vária colaboração d'*A Águia*. Bom seria que dissessem sempre donde transcrevem.

Errata

No passado número, paj. 13, no soneto de José Augusto de Castro, saiu no 2.º verso do 1.º terceto *fecundou* por *fecundava*.

[1] Uma palavra de Eduardo Berth no *Mouvement Socialiste*: «Toda a existencia de Nietzsche foi uma perpétua victoria sobre si mesmo».